

RELIGIÃO E CIÊNCIA: A APOMETRIA ENTRE DOIS MUNDOS

Dalvan Alberto Sabbi Lins¹

Beatriz T. Weber²

Resumo: O presente trabalho parte do estudo sobre a história do Espiritismo no Brasil, do seu processo de construção e legitimação frente a sociedade e o Estado, bem como da articulação discursiva que este protagoniza ao longo do século XIX e XX que procura relacionar ciência, religião e filosofia. Dentro disso, esta pesquisa volta seu olhar para um desdobramento do espiritismo conhecido como Apometria, que devido a conflitos internos com lideranças da Federação Espirita do Rio Grande do Sul, acaba por se afastar desta, vindo a originar um núcleo independente de práticas e estudos espíritas na cidade de Porto Alegre, RS. A Apometria é uma técnica de cura física e espiritual desenvolvida dentro do Hospital Espirita de Porto Alegre (HEPA) pelo então médico da instituição José Lacerda de Azevedo, ao longo do período que se estende de 1968 até 1986, ano em que a prática se retira das dependências do HEPA e forma um núcleo próprio e independente. A técnica desenvolvida pelo Dr. Lacerda parte do esforço em relacionar o conhecimento espírita com outras diferentes tradições de pensamento, tais como a teosofia, o budismo e a umbanda, bem como com as áreas intimamente ligadas ao saber médico moderno, como a física, a química e a biologia.

Palavras-chave: História; Espiritismo; Religião; Saúde; Ciência.

1573

Introdução

Não é de hoje que o universo religioso brasileiro é entendido como um terreno amplo, multifacetado e polimórfico pelos pesquisadores da área. Segundo dados do Censo realizado pelo IBGE em 2010, pouco mais de 64% da população brasileira se declarou católica, enquanto 22,2% se dividiam entre as várias ramificações evangélicas, e pouco mais de 2% da população se declarou espírita, enquanto 0,2% se identificaram enquanto umbandistas², percentual levemente superior ao apresentado por outros grupos religiosos tais com o candomblé, o budismo e credos de matriz oriental. Todavia, a tabela desenvolvida pelo IBGE, dividida em cinquenta e três categorias de credos e religiões, dos quais vinte e três são referentes a grupos evangélicos, apesar de desenhar uma valiosa impressão da realidade religiosa brasileira, deixa escapar elementos que podem enriquecer e complexificar ainda mais este quadro. Em 2007 o instituto de pesquisa DataFolha já apontava que 37% da população

¹ Acadêmico do Mestrado em História da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Email: dalvan.lins@hotmail.com.br

² Professora Doutora do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Orientadora.

brasileira “acreditava totalmente na reencarnação”, enquanto outros 18% mantinham certas dúvidas a respeito do tema³

. Em 2011 a agência de pesquisa francesa IPSOS, ao realizar uma sondagem mundial sobre o panorama das crenças no mundo, apontou que no Brasil ao menos 12% da população teria sua crença religiosa ancorada fundamentalmente no fenômeno da reencarnação. Estes números permitem que tenhamos certa noção do intrincado panorama das religiões no Brasil, um terreno onde podem se articular elementos espirituais díspares e por vezes antagônicos que por sua vez configuram um ambiente vivo, onde os indivíduos seguidamente rearticulam os elementos de sua fé em prol de perspectivas que deem conta das novas demandas e necessidades que o tempo traz.

O que se observa com o espiritismo não é diferente. Doutrina nascida no século XIX pelas mãos do então Hippolyte Léon Denizard Rivail, pedagogo francês com significativa formação humanista, o espiritismo sempre viveu processos de rupturas e atualizações em meio à longa jornada que percorreu até chegar aos nossos dias.

Em suas obras de cunho doutrinário, Allan Kardec, alcunha que Hippolyte irá empregar durante a difusão do espiritismo e com a qual irá ser internacionalmente conhecido, já defendia a necessidade permanente de o espiritismo se atualizar e incorporar junto consigo os avanços advindos com a modernidade. Essa característica é firmada junto a doutrina de Kardec devido ao forte intuito que este manterá em consolidar o espiritismo enquanto doutrina ligada intimamente com a ciência. Allan Kardec morre em 1869 aos 64 anos de idade e deixa para trás uma doutrina sistematizada em cinco obras básicas e mais uma série de artigos publicados através do periódico *Revista Espírita*, que na época de seu falecimento contava com doze volumes.

A doutrina de Kardec, gestada ao longo de pouco mais de uma década, conseguiu neste período se difundir e atravessar as fronteiras da França e logo em seguida conquistar admiradores e estudiosos em outros continentes, e particularmente na América (Stoll, 2003). Em suas obras, Kardec deixa claro alguns pontos que se tornarão os pilares fundamentais da doutrina por ele firmada. São eles:

A crença em Deus: “Deus é eterno, imutável, imaterial, único, todo-poderoso, soberanamente justo e bom” (Kardec, 1857, p. 18). A imortalidade da alma: “Os espíritos revestem, temporariamente, um envoltório material perecível, cuja destruição, pela morte, os torna livres.” (Kardec, 1857, p. 18). A pluralidade das existências: “Todos progredem, passando por diferentes graus de hierarquia espírita. Este progresso ocorre pela encarnação, que é imposta a uns como expiação e a outros como missão.” (Kardec, 1857, p. 19). A

pluralidade dos mundos habitados: “Os espíritos encarnados habitam os diferentes globos do Universo.” (Kardec, 1857, p. 20). E por fim a comunicabilidade dos espíritos: “As relações dos espíritos com os homens são constantes. (...) As comunicações dos Espíritos com os homens são ocultas ou ostensivas.” (Kardec, 1857, p. 21).

Desta forma, Kardec procura cimentar o corpo doutrinário do que veio a chamar de “ciência que trata da natureza, origem e destino dos espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal.” (Kardec, 1859, p. 55), consolidando assim uma perspectiva própria que procurava dar conta de entender e explicar fenômenos que por si, não eram de todo novos para as populações da Europa do século XIX. A crença em entidades invisíveis, fantasmas, espíritos, gênios, duendes e elementais que podiam manter relações mais ou menos intensas com os seres humanos se faz presente no imaginário europeu desde épocas pré-cristãs (Thomas, 1991), que, somados a histórias de fantasmas e assombrações que permeavam os contos populares, fazia com que a problemática ligada ao mundo dos espíritos não fosse completamente estranha a um francês do século XIX, sendo que Kardec não foi o primeiro e tão pouco o único a se debruçar a entender esse universo de fenômenos que pipocavam pela Europa. Todavia, defronte a tal intrincamento de questões, as respostas que Kardec formula, acabam por compor um conjunto, que se não o único em circulação no período, será, contudo, original na escolha dos elementos convidados a compor o eixo da sua doutrina.

Para além dos pontos básicos expressos por Kardec, sua doutrina se ancora em duas perspectivas bem específicas quanto ao fundamento da realidade espiritual, que são, primeiramente a concepção de divindade, e em seguida a de espírito, abrangendo aqui uma concepção análoga a de ser-humano, ambos elementos que acabaram por caracterizar os círculos de interação com que os espíritas irão se propor a dialogar e procuraram se aproximar ao longo de sua história, contribuindo assim para definir o perfil almejado de *espírita* (Cavalcanti, 1983).

Podemos observar que na doutrina formulada por Kardec, embora esta divida com outras tantas religiões a crença nas múltiplas vidas do espírito, e assim se aproxime das concepções de mundo orbitadas entorno de crenças próximas ao que se vê no hinduísmo, budismo e nos cultos da África Negra e dos Povos Originários da América, o que se observa é que a concepção do divino é muito semelhante à concepção desenhada pela cultura judaico-cristã, caracterizada pela perspectiva de um deus único, individualizado que acaba por passar a impressão de uma personificação próxima a figura humana (Damazio, 1994). Conjuntamente, a concepção de reencarnação, dentro do espiritismo tal processo leva a um constante e permanente estado de aperfeiçoamento até chegar ao “grau de espíritos puros”, em um

processo em que o espírito não perde sua individualidade, formando assim uma cosmogonia onde o universo é habitado por inúmeras individualidades compostas por espíritos divididos em infinitos níveis, todos regidos por uma consciência supra-humana, maior, indivisível e unitária (Cavalcanti, 1983).

O século XIX, período que ficou cristalizado pela supremacia das potências europeias e pela expansão colonial sobre, principalmente, os continentes africano e asiático, também foi o período onde, ao lado dos avanços tecnológicos que a ciência conquistava, eclodiram uma efervescência de ideias que se alimentaram desse novo e intenso contato com elementos provenientes de culturas distantes como a chinesa e as do subcontinente indiano. Deste contato surgiria uma geração de pensadores influenciados por elementos dessas diferentes culturas, flertando assim com crenças proscritas pela fé cristã oficial, defendida tanto por católicos quanto por protestantes, e que teria preparado um público ávido por publicações ligadas a esse universo até então pouco exposto, regido por temas ligados ao ocultismo, as crenças pagãs pré-cristãs e com o contato com seres invisíveis. Os trabalhos de Helena Petrovina Blavatski e de Allan Kardec, ambos publicados na segunda metade do século XIX, apontam que na Europa os temas discutidos por esses dois autores não eram de todo estranhos ao público. O rápido esgotamento das edições nos diz que havia um público desejoso em se aprofundar nestes temas, sendo que a rápida expansão dos volumes pelo continente europeu, e em seguida o americano, nos mostram que tais desejos eram compartilhados por grupos crescentes no espaço do mundo ocidental (Stohl, 2003). Da mesma forma, o mesmerismo estudado por Darnton (1988), nos aponta que havia na Europa ocidental uma longa tradição de envolvimento de intelectuais, liberais e aristocratas com ideias que balizavam entre os avanços da ciência moderna e práticas de cura ligadas a manipulação de fluídos invisíveis, sonambulismo e hipnose.

1576

1 – o Espiritismo no Brasil.

A história do espiritismo no Brasil tem início com a sua inserção na Bahia, pelas mãos do jornalista e professor Luís Olímpio Teles de Menezes e da fundação do primeiro centro espírita, o Grupo Familiar do Espiritismo, no ano de 1865 (Damazio, 1994). Nas duas últimas décadas do Império, o espiritismo viverá uma expressiva expansão em direção aos principais centros urbanos do Brasil, e em especial sua capital, o Rio de Janeiro. Essa primeira expansão do espiritismo no Brasil será alimentada pela sua difusão entre os círculos mais intelectualizados do Império, e notoriamente da corte, ambos fortemente influenciados pelos modismos culturais provenientes da França (Arribas, 2010). Esta primeira geração de espíritas

tentará traçar um padrão na forma de se organizar, e é já na década de 80 do século XIX que se desenha o embrião do que será um dia a Federação Espírita Brasileira (FEB) (Damazio, 1994).

A organização a cerca do que passou a ser chamado movimento espírita ganhou os contornos do contexto com que se deparou, marcado por um ambiente político e social inflamados pelos debates entorno da questão da escravatura e pelas críticas ao monarquismo, esta primeira geração de espíritas teve que se organizar sobre o ataque constante de grupos ligados a Igreja Católica, e, posteriormente a Proclamação da República, teve que lidar com a pressão exercida pela promulgação do primeiro Código Penal, de 1890, que criminalizava as praticas de curandeirismo e charlatanismo, e abria com isso as brechas necessárias para enquadrar os espíritas, criminalizando-os através de uma de suas mais difusas e populares práticas, a de cura através de receitas mediunizadas (Maggie, 1992).

Desta forma, esta primeira geração que viveu o início da República, procurou imprimir no movimento espírita um caráter específico, voltado sensivelmente para a valorização dos aspectos moralizantes da doutrina de Kardec, num movimento que será conhecido pela historiografia dos anos de 1960, 70 e 80 como um impulso voltado a criar um perfil particularmente religioso ao espiritismo (Damazio, 1994).

O fato é que o debate sobre o perfil do movimento espírita permanece em aberto, tendo inúmeras iniciativas que procuraram promover a discussão sobre o seu perfil ao longo de toda a primeira metade do século XX (Arribas, 2010), onde pode ser destacado como marcos os episódios referentes a assinatura do famoso Pacto Áureo, assinado em 5 de outubro de 1949, e que consolidou a FEB, e seu projeto de espiritismo, como a grande representante da doutrina de Kardec no Brasil (Giumbelli, 2003).

É aqui que encontramos o outro ponto desta pesquisa, localizado no marco do *VI Congresso de la Confederación Espírita Pan Americana (CEPA)* realizado na cidade de Buenos Aires, no dias 05 a 12 de outubro de 1963 que reuniu delegados de diferentes centros espíritas de vários países da América com o intuito de promover a discussão sobre o caráter e o papel do movimento espírita como um todo.

2. A CEPA

A Confederação Espírita Pan Americana é uma iniciativa que tem sua semente em julho de 1939, momento da realização do *Tercer Congreso Interno*, realizado pela *Confederación Espiritista Argentina* (CEA) que aprova uma resolução que indica o desejo de criar uma Liga Espiritista Pan-americana, desta resolução, a CEA lança, nos fins do ano de 1940, um convite

a todas as entidades espíritas americanas para discutir uma série de pontos referentes ao perfil do movimento espírita, onde aparecem as seguintes temáticas: “a) *Los valores de la filosofía espírita*; b) *La filosofía espírita y la ciencia*; c) *La filosofía y la moral*; d) *Sociología espírita*; e) *Creación de una Federación Espírita de América*” (CEPA, 1964, p. 15). Aqui é importante para essa pesquisa perceber a relevância atribuída ao termo filosofia impresso nas intenções da CEA, e que foram levadas para apreciação e discussão pelos demais centros espíritas americanos, apontando assim para uma característica que se fará presente nas ações futuras promovidas pela CEPA (CEPA, 2002).

É assim que durante o I Congresso Espírita Pan-americano, realizado em 05 de outubro de 1946 em Buenos Aires, nasce a CEPA. Tal iniciativa é motivada em grande parte pelo vácuo provocado pela Segunda-Guerra Mundial no movimento espírita europeu, até então matriz irradiadora das ideias espíritas. A deflagração do conflito da Segunda-Guerra Mundial marcou um refluxo no movimento espírita europeu, e marcadamente nos seus principais bastiões, a França e a Espanha, que eram até então os principais produtores e difusores do pensamento espírita mundial. Na França, desaparece como instituição organizada a Confederação Espírita Internacional, entidade que buscava criar uma união entre o crescente movimento espírita e, na Espanha, a Guerra somada à instalação da ditadura franquista faz com que cessem os envios de publicações em língua espanhola para os países da América Hispânica. Ambos os motivos fazem com que se fortaleçam os ânimos em prol da construção de uma entidade que represente o movimento espírita americano e promova a integração do mesmo (CEPA, 2002).

O projeto da CEPA carrega consigo o intuito de se construir enquanto referência espírita ligada à laicidade, a ciência e a um pensamento crítico dos fenômenos estudados pela doutrina. Segundo o ex-presidente da entidade, Jon Aizpurua, o projeto da CEPA é a de um espiritismo livre-pensador, que nas palavras do mesmo pode ser definido como:

“(…) Espiritismo laico, não religioso, não igrejificado, que não se etiqueta com a adjetificação de culto algum; livre de pretensões messiânicas ou salvacionistas; que não se inclina pela tendência fanática das ameaças catastróficas ou apocalípticas; que em lugar de conceber o mundo como “um vale de lágrimas e sofrimento” no qual se vem “pagar dívidas”, apresenta-o como um cenário para o aprendizado e a evolução do espírito, e no qual viva com alegria, prazerosamente e em busca da felicidade.” (CEPA, 2002, p. 33)

Esse projeto, embora se mostre como o legítimo representante da doutrina de Kardec, e pareça para qualquer um que seja familiarizado com as obras básicas do espiritismo, como

uma proposta sóbria e fiel aos princípios kardecistas, guarda, porém, uma profunda crítica às propostas implementadas pelo movimento espírita em âmbito mundial, e particularmente com uma determinada manifestação do espiritismo observada particularmente no Brasil, e defendida sobretudo pelos representantes da Federação Espírita Brasileira, a FEB.

Tal contraponto de ideias se ancora na perspectiva quase antagônica entre um espiritismo científico e um outro, mais voltado aos aspectos morais, este último sendo popularizado enquanto uma vertente mais religiosa da doutrina de Kardec, gestionando desde os primeiros tempos do movimento espírita no Brasil, pela marcante presença de figuras como a de Bezerra de Menezes, médico e deputado engajado na organização e difusão do espiritismo pelo Brasil. Presidente da Federação em dois momentos (1889-1891, 1895-1900)⁴, Bezerra de Menezes e seus pares, viveram a transição entre o regime imperial e o republicano, tendo com isso a necessidade de desenvolver estratégias que dessem conta de manejar a pressão crescente exercida pelo Estado, que conforme já dito, criminalizou as práticas vistas como curandeirismo e charlatanismo, ao mesmo tempo em que respondiam às inúmeras críticas protagonizadas por médicos, jornalistas e a Igreja Católica (Arribas, 2010). Desta forma, a estratégia desenvolvida pela Federação, e que acabou por se estender durante o século XX, foi a de se ancorar enquanto manifestação religiosa, e com isso, se defender dentro da lei de direito de culto, então implementada pela nascente república (Giumbelli, 2003).

O fato é que a crescente projeção que a FEB conquista ao longo da primeira metade do século XX, onde esta consegue se afirmar enquanto representante maior do espiritismo no Brasil, caminhou de mãos dadas com o crescimento e articulação de grupos que não compartilhavam com a sua perspectiva de espiritismo (Arribas, 2010). Dentro desses movimentos críticos encontravam-se vertentes que tendiam tanto a um aprofundamento do caráter religioso, ampliando os limites do espiritismo e incorporando elementos de outras matrizes culturais, tal como fez a Umbanda e outras tantas crenças esotéricas e místicas, quanto as que defendiam um espiritismo científico, experimental e filosófico, livre das limitações que estes observavam em um espiritismo moralista e religioso (Cavalcanti, 1983).

É dentro deste quadro que encontramos os protagonistas que iram dar forma a uma técnica de cura que ficará conhecida como Apometria.

3. Da Hipnometria para a Apometria

O *Sexto Congresso de CEPA*, realizado em Buenos Aires durante os dias de 05 a 12 de outubro de 1963, contou com 22 delegados de quatro países oficialmente participantes da CEPA (Argentina, México, Porto Rico e Venezuela) e mais 19 delegados de outras quatro

nações “fraternales” (Brasil, Chile, Estados Unidos e Uruguai), somados a outras 19 adesões individuais, que totalizaram um número de sessenta pessoas no evento, tendo o Brasil a segunda maior delegação, composta por oito representantes de sete entidades espíritas brasileiras, dentre elas a FEB, em número só superado pela delegação do país anfitrião, que contou com nove delegados (CEPA, 1964).

O evento foi dividido em oito comissões temáticas que abrangiam um amplo leque de assuntos: “*Propaganda e difusión*”, “*Organización y desarrollo*”, “*Ciencia y Espiritismo Experimental*”, “*Filosofía e Doctrina Espírita*”, “*Moral Espírita*”, “*Sociología y asistencia social*”, “*Organización de la CEPA*” e “*Asuntos varios*”. E é na quarta comissão, intitulada “Ciência e Espiritismo Experimental” que teremos a participação de uma figura até então anônima para os estudiosos do espiritismo, o Sr. Luis J. Rodrigues (CEPA, 1964).

O Sr. Luis J. Rodrigues foi um personagem que nos legou poucas informações até mesmo para os envolvidos com a sua memória. Sabe-se que nasceu em Porto Rico e exerceu o ofício de farmacêutico-bioquímico, vindo a se transferir para a cidade do Rio de Janeiro. Segundo consta, nunca se declarou espírita, mas sim, um “espiritista, estudioso do psiquismo humano” (Azevedo, 2007, s/ pág.⁵), e, através de suas experiências, acabou conhecendo a prática do desdobramento espiritual, e a partir desta, passou a desenvolver uma técnica que chamou de Hipnometria.

A Hipnometria desenvolvida pelo Sr. Rodrigues era, segunda as palavras deste, “uma projeção astral bem controlada, da qual participavam o operador, o paciente e os guias espirituais dos mesmos”, “A separação do espírito, nessa projeção astral, se obtém sem a necessidade das sugestões e sugestionalidade do hipnotismo” (Azevedo, 2007, s/ pág.⁶). Desta forma, o princípio fundamental da técnica que o Sr. Rodrigues vinha estudando, permitiria, a seu ver, a abertura de novos campos de experimentação dentro do espiritismo, onde, partindo do exercício contrário ao exercido usualmente dentro dos centros espíritas, e através da mediunidade, os indivíduos buscariam auxílio, amparo e esclarecimento proveniente do mundo espiritual, num desenho onde a ajuda espiritual adviria em um movimento descendente, a hipnometria, ao contrário, abriria a possibilidade de que os indivíduos, através desta técnica, pudessem saltar deste plano (físico) para um superior, sem necessitar de um intermédio, numa relação mais horizontal e aberta à experimentação dos envolvidos com a técnica (Azevedo, 2007).

A sessão de apresentações de trabalhos que o Sr. Rodrigues veio a participar, intitulada *Ciencia e Espiritismo Experimental*, contou com outros quatro apresentadores, Sr. Galté, delegado chileno, Sr. Angel Ortega, da delegação venezuelana, Sr. Alvarez y Gasca, representante da

delegação mexicana e, da delegação brasileira, o Sr. Conrado Ferrari. Todavia, desta sessão de apresentações, o trabalho apresentado pelo Sr. Rodrigues, intitulado “Hipnometria”, a comissão não produziu nenhum despacho e desta forma, por algum motivo, seu trabalho não veio a ser publicado no livro produzido como resultado do Sexto Congresso. Este fato poderia ter findado suas atividades enquanto divulgador de sua nova técnica, tendo em vista que não foram encontrado qualquer outra menção de seu nome ou de sua técnica em qualquer outro círculo de divulgação espírita, se não fosse o interesse que tal técnica despertou em um de seus companheiros com que dividiu a sessão, o Sr. Conrado Ferrari, então presidente do Hospital Espírita de Porto Alegre, o HEPA (CEPA, 1964).

Um ano após a realização do evento em Buenos Aires, o Sr. Luis J. Rodrigues visita as dependências do HEPA em Porto Alegre, com o pretexto de realizar uma pequena cirurgia oftalmológica. Aproveitando-se do contexto, o Sr. Rodrigues propõe realizar uma pequena apresentação da nova técnica por ele descoberta (Azevedo, 2007).

Nesta primeira sessão participaram alguns poucos integrantes, pouco mais de uma dúzia, todos espíritas atuantes dentro do círculo do movimento espírita porto-alegrense. Contudo, após as primeiras experiências, poucos se viram motivados a manter a frequência em tais sessões experimentais, com exceção do Sr. Ferrari (Azevedo, 2007).

Todavia, é através do convite feito pelo Sr. Ferrari que irá se aproximar de uma das sessões experimentais de hipnometria a figura daquele que será o maior responsável pelo desenvolvimento, gerenciamento e divulgação desta nascente técnica, o Sr. José Lacerda de Azevedo.

O Sr. José Lacerda de Azevedo era então médico do HEPA, onde atuou por mais de três décadas, vindo a se firmar enquanto personalidade afinada com os líderes da instituição, bem como envolvido com o movimento espírita na cidade de Porto Alegre. Contudo, foi através de seu envolvimento com a técnica descoberta pelo Sr. Rodrigues que seu nome ganhara projeção e se tornará referência.

Desde de seus primeiros envolvimento com a então Hipnometria, o Sr. Lacerda irá aprofundar seu comprometimento com a técnica, vindo a se tornar o principal responsável no estudo e emprego da mesma. Já nas primeiras experiências com a técnica, lhe é reservada pelo Sr. Ferrari, então presidente da HEPA, um espaço dentro da instituição do Hospital, uma casa reservada e cercada por jardins, conhecida internamente como “Casa do Jardim” alcunha que herdará a futura instituição criada pelo Sr. Lacerda (Azevedo, 2007).

Os trabalhos realizados com a nascente técnica dentro do HEPA se estendem por mais de duas décadas, de 1964 até o ano de 1986, com a constante ajuda e apoio da instituição

junto a figura do Sr. Lacerda. As experiências realizadas pelo grupo ao longo deste período fazem com que o Sr. Lacerda aprofunde seus conhecimentos e acabe tomando para si o protagonismo sobre os princípios da mesma, lançando o conjunto de suas ideias sobre o exercício da nova técnica em 1987, com o título, “Espírito/Matéria – Novos horizontes para a medicina”. Nesta obra, além de relatar um conjunto de experiências desenvolvidas por ele e seu grupo na “Casa do Jardim”, o Sr. Lacerda renomeia a técnica com o nome de “Apometria”, nome derivado de “apo = além de” e “metron = medida”, nome com que almeja expressar a abrangência de uma técnica baseada nos potenciais da mente somados a existência de corpos astrais justapostos em camadas finamente relacionados através dos mecanismos da encarnação.

A apometria, desta forma, se constitui pelas mãos do Sr. Lacerda enquanto uma técnica de cura que, através da projeção do espírito, possibilitaria a elevação deste a outros planos de origem superior (conforme a doutrina espírita propõe), e livres da densidade do mundo material, permitiriam um auxílio das mazelas experimentadas pelos pacientes de uma forma mais rápida, confortável e facilitada, tudo graças ao emprego de “pulsos” mentais, entendidos aqui como descargas de pensamentos que, disciplinados através do exercício com a técnica, permitiriam a manipulação de energias muito sutis, com as quais se poderia forjar uma série de ferramentas e mecanismos, dentre os quais se possibilitaria a projeção do espírito de terceiros, conforme já descrito (Azevedo, 2007).

Dentro desta empreitada, o Sr. Lacerda formula em sua obra um conjunto de leis básicas que acabaram por se constituir enquanto os fundamentos da técnica da Apometria. Estas leis tratam das possibilidades verificadas por ele e sua equipe sobre os potenciais e limites da mesma. A natureza investigativa e a curiosidade que a técnica despertou no Sr. Lacerda fizeram com que o mesmo investisse sobre os limites consolidados observados no espiritismo tradicional defendido pelos representantes da FEB, e de sua ramificação estadual, a FERGS (Federação Espírita do Rio Grande do Sul). Desta forma, em suas experiências com a Apometria, o Sr. Lacerda é levado a flertar com elementos proscritos ou mal vistos pelos círculos espíritas tradicionais, tais como a Teosofia de Helena Blavatsky e ferramentas instrumentais da Umbanda. Da primeira, a Teosofia do século XIX, ele se aprofunda nas noções dos múltiplos corpos sobrepostos, noção herdada provavelmente da tradição hindu, com que ele acaba desenvolvendo a ideia de projeção “dos corpos” para diferentes dimensões. Já da segunda, a Umbanda, este passa a empregar elementos observados nos círculos desta religião, tais como o emprego de pontos cantados, bem como não limita a manifestação e auxílio advindos de entidades provenientes deste universo cosmogônico, tais como Preto-

Velhos e Caboclos. Ambos os “flertes” com tais doutrinas, que comumente são vistas como exóticas, atrasadas, ultrapassadas e/ou erradas pelos representantes do espiritismo federado, demonstram o ambiente almejado pelo Sr. Lacerda, um espaço de experimentação onde antigas ideias poderiam convergir com novos elementos e propiciar o enriquecimento de ambas. Tal relação com tais crenças, não representa que o Sr. Lacerda tenha se tornado uma coisa ou outra, sendo que até a data de seu falecimento este sempre se identificou enquanto espírita, mas, contudo, demonstram o caráter e sua personalidade, aberta a dialogar com diferentes manifestações e conhecimentos provindos de matrizes de saberes nem sempre bem vistos pelo círculo social por ele frequentado.

O fato é que, em 1986, tem fim a parceria com o Hospital Espírita de Porto Alegre. Tal vínculo havia ultrapassado as gestões de Conrado Ferrari, falecido ainda em 1970, e havia conseguido mobilizar em seu favor o apoio das gestões sucessoras. Contudo, em 1986 a instituição coloca fim aos seus préstimos, motivados por razões nebulosas, onde encontramos apenas algumas palavras sobre o episódio:

“Em dezembro de 1986, incompreensões naturais a toda a obra nova e inovadora, levaram o HEPA a suspender o apoio à Apometria nos termos pretendidos pelo Dr. Lacerda. O mesmo desligou-se da instituição mantenedora, levando consigo a maioria absoluta dos seus colaboradores (...)” (Azevedo, 2007, s/ p.)⁷.

1583

Todavia as especulações circularam no sentido de apontar para um certo desentendimento entre o Sr. Lacerda e as lideranças da FERGS.

De fato, pode ser observado certo distanciamento movido pelo Sr. Lacerda com relação aos limites impostos pela Federação. Em entrevista realizada em em 2001, portanto após o falecimento do Sr. Lacerda, Divaldo Pereira Franco, um dos principais representantes da Federação Espírita Brasileira no período, se posiciona com relação a Apometria alegando categoricamente que esta não era e não poderia vir a ser considerada espiritismo, por seus princípios e fundamentos não se sustentarem nos mesmo pontos⁸.

O Sr. Lacerda acaba por levar junto consigo grande parte da equipe que vinha se envolvendo com a Apometria, e acaba por fundar a Casa do Jardim em espaço próprio, local ainda hoje em atividade, onde o Sr. Lacerda veio a dedicar sua última década de vida, e consolidar sua proposta junto a um crescente grupo de pessoas envolvidas com a técnica e frequentadores em busca de auxílio e cura. O Sr. Lacerda falece em 1997 deixando a instituição por ele fundada aos cuidados de sua equipe.

Conclusão

Os episódios aqui expostos e desenvolvidos ao longo deste trabalho, orbitados entorno da criação e desenvolvimento da técnica da Hipnometria/Apometria, procuram levar a reflexão sobre os processos de construção pelo qual passa as instituições, e aqui, em especial as ligadas com ideias e crenças relacionadas com as perspectivas de vida no além-túmulo, onde se encontra notoriamente a doutrina criada por Allan Kardec, batizada de espiritismo.

Ao longo do trabalho procurei traçar a trajetória multifacetada de tal doutrina, balizada entre perspectivas que defendiam uma ou outra interpretação do que deveria ser o espiritismo, em propostas que podem ser observadas tanto no que veio a ser chamado “espiritismo religioso” ou “moralizante” defendido pela FEB, quanto no espiritismo “científico” e/ou “experimental” defendido, por exemplo, pela CEPA, e por personalidades como as do Sr. Rodrigues e a do Sr. Lacerda.

Olhar para tais bifurcações que recorrentemente ocorrem na sociedade não busca a levar a uma relativização absoluta da realidade, mas sim, procura observar e pensar os fenômenos sociais conforme o ambiente e o tempo em que tais ocorrem, num exercício constante de pensar historicamente os objetos dentro do seu tempo e espaço.

1584

REFERÊNCIAS

ADOLFO BEZERRA DE MENEZES, Apontamentos biobibliográficos, disponível em: <http://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/06/Adolfo-Bezerra-de-Menezes.pdf>
ARRIBAS, Célia da Graça. Afinal, espiritismo é religião? A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira. São Paulo: Alameda, 2010. 303 p.

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. Kardecismo e Umbanda. São Paulo: editora Pioneira, 1961.

_____, Católicos, Protestantes, Espíritas. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.

CAMURÇA, Marcelo. Espiritismo e Nova Era. Interpelações ao Cristianismo Histórico. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2014

CEPA. Libro del Sexto Congreso. Buenos Aires, 1964.

CEPA. Espiritismo: O pensamento atual da CEPA, Autores diversos. Porto Alegre: Imprensa Livre Editora, 2002.

DataFolha, disponível em:

<http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2007/05/1223861-97-dizem-acreditar-totalmente-na-existencia-de-deus-75-acreditam-no-diabo.shtml>

DARNTON, R. O lado oculto da revolução. São Paulo: Companhia de Letras, 1988.

GIUMBELLI, E. Baixo espiritismo e a história dos cultos mediúnicos. *Horizontes Antropológicos*, p. 247-281, Porto Alegre, ano 9, n. 19, 2003.

IBGE disponível em:

ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religio_De_ficiencia/tab1_4.pdf

LACERDA, J. C. Espírito/Matéria: Novos Horizontes para a Apometria. 9ª Ed. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

SILVA, F. L. Espiritismo, História e Poder (1938-1949). Londrina: Eduel, 2005.

THOMAS, K. Religião e o Declínio da Magia. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda. 1991.

STOLL, S. J. Espiritismo à Brasileira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Curitiba: Editora Orion, 2003.

DAMAZIO, S. F. Da Elite ao Povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

MAGGIE, Y. Medo do Feitiço: Relações entre Magia e Poder no Brasil. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.

CAVALCANTI, M. L. V. de C. O Mundo Invisível. Cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

1585

² IBGE disponível em: ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religio_Deficiencia/pdf

³ DataFolha, disponível em: <http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2007/05/1223861-97-dizem-acreditar-totalmente-na-existencia-de-deus-75-acreditam-no-diabo.shtml>

⁴ ADOLFO BEZERRA DE MENEZES, Apontamentos biobibliográficos, disponível em: <http://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/06/Adolfo-Bezerra-de-Menezes.pdf>

⁵ A citação sem paginação encontrasse em uma introdução feita em seu livro *Espírito/Matéria* pelo seu biógrafo Carlos Barradas.

⁶ IDEM.

⁷ Carlos Barradas, sucessor e então presidente da Casa do Jardim ao comentar o episódio em uma introdução feita para o livro “Espírito/Matéria” em 2002.

⁸ Transcrito do programa Presença Espírita da Rádio Boa Nova a partir de palestra de Divaldo Pereira Franco (Agosto/2001), disponível em: [http://www.forumespirita.net/fe/artigos-espiritas/apometria-nao-e-espiritismo-\(divaldo-franco-e-outros\)](http://www.forumespirita.net/fe/artigos-espiritas/apometria-nao-e-espiritismo-(divaldo-franco-e-outros)).